

13º Seminário

do_co,mo,mo_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



ESCOLA PAULISTA, ESCOLA CARIOCA. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.

História da Arquitetura

Mônica Junqueira de Camargo

Professora Livre- docente

Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo

Junqueira.monica@usp.br

)

Resumo: A historiografia da arquitetura moderna brasileira identifica na produção dos arquitetos sediados no Rio de Janeiro a partir dos anos 1930 e dos arquitetos de São Paulo a partir dos anos 1950 uma renovação estética de grande relevância. Identificadas como Escola Carioca e Escola Paulista, cujas diferentes leituras apresentadas nem sempre apontam sua real dimensão, que pesquisas recentes trazem novos esclarecimentos. Trata-se de uma contribuição à cultura arquitetônica brasileira que ultrapassa o papel de cada uma das obras isoladamente, assumindo uma dimensão coletiva que incidiu no próprio campo disciplinar e no fortalecimento da classe profissional. Aceita por uns e contestada por outros, os questionamentos perpassam do próprio reconhecimento como escola, ao incentivo público ou privado e à influência da carioca sobre a paulista. Cotejar as distintas leituras com os documentos e os dados dessas pesquisas amplia as referências, permitindo uma melhor compreensão do próprio movimento moderno brasileiro.

Palavras-chave (título em negrito): arquitetura moderna brasileira, Escola carioca, Escola Paulista.

Abstract: The historiography of modern Brazilian architecture identifies in the production of architects based in Rio de Janeiro from the 1930s and the architects of São Paulo from the 1950s an important aesthetic renovation. Identified as Carioca School and Paulista School, whose different readings do not always point to their real dimension, that recent research brings new clarifications. It is a contribution to the Brazilian architectural culture that goes beyond the role of each one of the works itself, assuming a collective dimension that focused on the disciplinary field itself and the strengthening of the professional class. Accepted by some and contested by others, the questioning is based on the school's own recognition, on the public or private incentive, and on the influence of Carioca School over Paulista School. The collation of different readings with the documents and the data of these surveys broadens the references, allowing a better understanding of the Brazilian modern movement itself.

Keywords (título em negrito e itálico): Brazilian Modern Architecture, Carioca School, Paulista School..

13º Seminário

do_co|mo|mo_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



ESCOLA PAULISTA, ESCOLA CARIOCA. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.

Escola Carioca diz respeito à produção dos arquitetos sediados no Rio de Janeiro a partir dos anos 1930 e a Escola Paulista a dos arquitetos de São Paulo a partir dos anos 1950. Essas escolas são identificadas, com diferentes interpretações, na historiografia da arquitetura moderna como renovações arquitetônicas de grande relevância. Apesar da diversidade de leituras, essas escolas são analisadas quase sempre do ponto de vista estético, e alguns questionam a sua condição de escola. A versão oficializada atribui o rápido florescimento da arquitetura moderna no Rio de Janeiro ao apoio do Governo Vargas, especificamente ao ministro Gustavo Capanema, e o atraso na capital paulista à ausência de um apoio do governo. O intervalo de tempo entre o amadurecimento das ideias modernas no Rio e em São Paulo tem sido interpretado por alguns autores como mera continuidade, quando entendemos tratar-se de distintas vanguardas, ambas de grande importância à cultura arquitetônica e que estão relacionadas a um fenômeno mais amplo envolvendo a atualização do campo disciplinar e uma disputa profissional. Cotejar as distintas leituras com os documentos e os dados de pesquisas recentes amplia as referências, permitindo uma melhor compreensão do próprio movimento moderno brasileiro.

O significado de Escola, dentre as dez definições trazidas pelo *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa*, é entendido, no âmbito deste trabalho, como um *sistema, doutrina ou tendência estilística ou de pensamento de pessoa ou grupo de pessoas que se notabilizou em algum ramo do saber ou da arte*. Cabe lembrar que essas produções notáveis que ora analisamos estão imbricadamente relacionadas a instituições, a carioca à Escola Nacional de Belas Artes e a paulista à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Um primeiro esclarecimento necessário é que o reconhecimento da existência de uma escola não exclui a simultaneidade de outras manifestações, trata-se tão somente da identificação de, também segundo Houaiss, *determinado conjunto de princípios seguido por artistas*, que no nosso entender caracteriza uma ação coletiva decorrente do debate e da troca de ideias, que nesses casos não se restringiu às questões estilísticas, mas um amplo movimento cultural. Com essa abrangência que buscamos situar historicamente essas escolas.

Escola Carioca refere-se às obras de um grupo de egressos da Escola Nacional de Belas Artes que, a partir dos anos 1930, introduziram novos parâmetros à arquitetura, difundidos nacional e internacionalmente, como comprovam as mais variadas versões historiográficas nacionais e estrangeiras, oscilando de meras citações a capítulos inteiros sobre essa arquitetura, cuja contribuição é identificada pela adaptação das ideias corbusianas às condições locais.

De Mário de ANDRADE (1943) “*A primeira escola, o que pode chamar-se legitimamente de “escola” de arquitetura moderna no Brasil, foi a do Rio, com Lúcio Costa à frente, e ainda inigualado até hoje,*” a HITCHCOCK (1958): “*um repertório característico de formas arquitetônicas da escola carioca, da qual Reidy, membro do grupo que projetou e construiu o Ministério da Educação foi fundador junto a Oscar Niemeyer*”, o reconhecimento é incontestável.

Na historiografia específica da arquitetura brasileira, a Escola Carioca é o grande destaque em todos os autores, seja nos panoramas históricos abrangendo a trajetória da arquitetura brasileira desde os tempos coloniais, como o de Carlos LEMOS (1979:141):



... a nossa arquitetura, graças a esses pioneiros cariocas mais voltados às teorias de Le Corbusier, mas com alguns deles também atentos às teorias de Mies Van der Rohe e Gropius, definiu-se como uma expressão cultural nacional independente da conceituação e de seus modelos originais europeus e, pela terceira vez entre nós, como ocorrera em São Paulo bandeirista e em Minas de Aleijadinho, é caracterizada por recriações e invenções locais.

seja nos temáticos sobre a arquitetura do século 20, como o de Yves Bruand que dedica a maior parte de sua narrativa a essa produção, analisando a contribuição teórica de Costa e a revolução plástica de Niemeyer na adaptação dos princípios corbusianos à realidade brasileira, com seus benefícios e malefícios:

... sua contribuição foi considerável, tanto no plano brasileiro, quanto internacional. É evidente que, no plano brasileiro, algumas vezes a influência foi nefasta: o sucesso alcançado incitou muitos arquitetos sem talento a tomar as formas por ele inventadas ou a imaginar outras, mais ou menos semelhantes ou até inéditas, mas tão horríveis quanto arbitrárias.(...) Por outro lado, a pujança de sua invenção plástica fecundou toda a arquitetura brasileira, provocando uma evolução benéfica que contribuiu para a revelação ou afirmação dos melhores elementos. (BRUAND, 1981:169)

Enquanto SEGAWA(1998:103) nomeia um dos capítulos do seu livro – *A afirmação de uma escola (1943-1960)*, comenta a repercussão internacional “*Brazilian School, Cariocan School, First National Style in modern Architecture, Neobarroco, foram alguns dos rótulos atribuídos pela história e pela crítica da arquitetura pensada e escrita pelos estudiosos europeus e norte-americanos,*” e identifica os seus protagonistas como os “*grevistas da ENBA em 1931, como Luiz Nunes, Jorge Machado Moreira, Alvaro Vital Brazil, Oscar Niemeyer e outros...*” (SEGAWA, 1998:81), e ainda “*Alvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho, estudantes da ENBA que participaram da greve em solidariedade a Lúcio Costa em 1931...*” (SEGAWA, 1998:85).

O reconhecimento de uma Escola Carioca, no sentido de uma criação de caráter nacional a partir dos princípios corbusianos, é uma unanimidade na historiografia, entretanto não foi só isso. Envolveu também desafios não menos revolucionários na constituição do campo disciplinar e da categoria profissional, mas pouco explorados pelos vários autores. Segawa introduz a questão apenas como efeito da repercussão internacional, quando foi um forte motivo de mobilização acadêmica e profissional:

a repercussão internacional da moderna arquitetura brasileira representou, no plano doméstico, uma legitimação e um reconhecimento social inéditos para uma categoria e para uma prática profissional, até então visível como uma derivação da engenharia ou apenas uma atividade artística associada à construção. (SEGAWA, 1998:129)

Nesses anos de consolidação da arquitetura moderna carioca, ou seja, a partir da década de 1930, estava em jogo o prestígio dos arquitetos e a regulamentação profissional que vinha se arrastando desde o século 19. Com a instalação, em 1816, do primeiro curso de arquitetura no país, a Academia Imperial de Belas Artes, sob a orientação de Grandjean de Montigny, que aí permaneceu até 1850, foi possível, mesmo sob a pressão dos engenheiros militares atuantes na cidade, impor seus alunos aos projetos de obras públicas introduzindo novos padrões estéticos conforme esclarece LEMOS (1979:110) “*Grandjean de Montigny teve*



inúmeros alunos, alguns de relativo talento, (...) cerca de cinquenta, que se encarregaram de difundir por toda a área de influência direta da corte a arquitetura neoclássica...”

Com a criação da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 1874, formando engenheiros civis habilitados a construir e projetar, enquanto os arquitetos das Belas Artes só se responsabilizavam pelos projetos, a atuação destes foi abalada, o que pode ser verificado na própria procura pelo curso, que no período de 1890 a 1900, formou apenas três arquitetos (VIDOTTO e MONTEIRO, 2013:5). O concurso de fachadas, de 1902, para a avenida Central do Rio de Janeiro comprova a pouca representatividade dos arquitetos, seja pela composição do júri, seja pela premiação dos projetos. Dos dez membros do júri, nenhum arquiteto: seis engenheiros, três médicos e um escultor, e apenas um quarto dos projetos vencedores do concurso havia sido produzido por professores e ex-alunos da ENBA, ainda assim considerado um número relevante frente à participação da classe em projetos públicos naquele momento (VIDOTTO e MONTEIRO, 2013:8). No entanto, a qualidade dos projetos conquistou a atenção da administração pública que destinou à nova sede da instituição um lugar de destaque na nova avenida, próxima ao teatro e à biblioteca. A partir de 1915, com a introdução de disciplinas técnicas, o curso de arquitetura passou a seguir uma sequência cumulativa de conhecimentos técnicos e científicos, ampliando o campo de conhecimento dos estudantes que quando formados passaram a ser denominados engenheiros-arquitetos. No final da década de 1920, já havia um grupo de alunos muito entrosado reivindicando a renovação do ensino e em 1930 Lúcio Costa assume a direção da escola, fato onipresente na historiografia da arquitetura moderna como decisivo na constituição da Escola Carioca. Além da renovação introduzida por Lúcio Costa no ensino de arquitetura, as greves dos alunos como ato político revelam a consolidação de uma massa crítica, fruto da troca de ideias e do debate, só possível por um coletivo que soube aproveitar esse momento para o florescimento de uma ação consequente, que entendemos como Escola Carioca. A consolidação de uma arquitetura moderna brasileira, portanto, é indissociável do ambiente criado, nesse momento, na Escola Nacional de Belas Artes – ENBA, embora não apenas o único responsável, pois trata-se de uma conjuntura mais ampla envolvendo aspectos políticos, econômicos e sociais, mas sem a escola, dificilmente floresceria.

O comentário de Abelardo de SOUZA, (Apud Xavier, 2011:69)

Warchavchik, Rino e Flávio de Carvalho lutaram sozinhos, uma vez que não tinham contato com a classe estudantil em que pudessem escorar para enfrentar a luta, como aconteceu no Rio com Lúcio, Reidy, Buddeus e tantos outros que puderam transmitir aos seus alunos suas ideias que frutificaram através de Niemeyer, Marcelo Roberto, Jorge Moreira, Rocha Miranda e muitos outros..

comprova a importância da escola na troca de ideias e aponta corretamente a problemática no contexto paulista, nem sempre assim entendida.

Escola Paulista?

A Escola Paulista, embora mais questionada enquanto escola, pela historiografia, envolve alguns dos aspectos da Escola Carioca além da renovação estética, que nos permite aceitá-la também como uma escola.

Se no Rio, o embate era entre engenheiros e arquitetos, em São Paulo, o primeiro curso de arquitetura instalado em 1894 foi em uma escola de engenharia, a Politécnica, que estabelecia



outra relação com os engenheiros. O responsável pela criação do curso, o arquiteto Ramos de Azevedo, com sua dinâmica construtora, foi o maior responsável pela transformação da cidade de taipa para a cidade do tijolo, projetando palácio de governo, secretarias, hospitais, escolas, teatros, fóruns, presídios, e naturalmente, muitas residências. Em 1917, foi criado um segundo curso de arquitetura, também em uma escola de Engenharia – Mackenzie College, cujo responsável Christiano Stockler da Neves projetou obras públicas emblemáticas no panorama da cidade.

O problema para a organização profissional na capital paulista era a falta de autonomia da profissão, e nas duas escolas se formavam poucos engenheiros-arquitetos, um, dois ao ano, ou mesmo nenhum em alguns anos, inviabilizando a conformação de uma categoria e inibindo qualquer debate. Ainda que pudessem contar com os profissionais imigrantes, que não foram poucos, os arquitetos não conseguiram se organizavam independente dos engenheiros, apesar da atuação isolada de profissionais altamente qualificados, cujas obras contribuíram para o desenvolvimento da arquitetura moderna nacional, como Gregori Warchavchik, Rino Levi, Flávio de Carvalho, Oswaldo Bratke, Henrique Mindlin, Eduardo Kneese de Mello, Luis Saia, Icaro de Castro Mello e Vilanova Artigas.

O reconhecimento dos arquitetos, na capital paulista só se fortaleceria a partir da emancipação das escolas de arquitetura – Mackenzie em 1947 e USP em 1948 -, aumentando significativamente o número de profissionais na cidade, e da consolidação da atuação do IAB-SP a partir da inauguração de sua sede própria, em 1951, que se tornou um ponto de referência de encontros e debates sobre arquitetura. Da autonomia do ensino à consolidação da Escola Paulista contribuíram muitos fatores.

Na década de 1950, a vida cultural paulistana vivia uma grande renovação, sob o impacto da criação de dois museus – Museu de Arte de São Paulo, MASP, em 1948, e Museu de Arte Moderna, MAM, em 1949, da Bienal de Artes Plásticas, em 1951, atraindo intelectuais, artistas e arquitetos, alguns inclusive estabelecendo-se definitivamente na cidade. Economicamente, São Paulo se tornava o polo industrial do país, concentrando as forças produtivas que impuseram sua rápida expansão e metropolização, demandando uma grande renovação urbana, a terceira cidade, a do concreto armado, conforme analisada por Benedito Lima de TOLEDO (1983). As comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo demonstravam o ufanismo da cidade que mais crescia no mundo, cujo cenário central, o Parque Ibirapuera, teve o risco de Oscar Niemeyer. O concurso para a nova capital colocou a arquitetura em destaque na imprensa diária e as referências internacionais de revisão do movimento moderno, culminando com a realização do Congresso Internacional dos Críticos de Arte em Brasília, em 1959, fomentaram a criação de um ambiente propício à investigação das artes e da arquitetura, com visíveis desdobramentos na mentalidade dominante.

Nesse contexto que um grupo de jovens arquitetos muito talentosos, sob o carisma de João Vilanova Artigas, consolidou uma nova arquitetura, identificada como Escola Paulista. Diferentemente da Escola Carioca, aceita por unanimidade por historiadores e críticos, a Escola Paulista suscita muitos questionamentos, haja vista a diversidade de termos empregados na identificação do conjunto de obras projetadas majoritariamente entre os anos de 1950 e 1970 por profissionais sediados na cidade de São Paulo. Arquitetura paulista / escola paulista/ linha paulista / projeto paulista /brutalismo paulista /escola brutalista paulista são algumas das expressões encontradas, às vezes colocadas entre aspas, sugerindo um sentido figurado ou uma dúvida sobre a pertinência da expressão. Empregada sobretudo para diferenciar essa produção da Escola Carioca, entendemos Escola Paulista como uma

13º Seminário

do_c_o_m_o_m_o_
brasil

Salvador – BA

7 a 10 de outubro de 2019



arquitetura baseada em princípios comuns, contemporânea e sintonizada com o movimento brutalista, cujo mais forte ícone é FAU/USP, tanto o edifício como o ambiente proporcionado pelo ensino.

Apesar do intenso trânsito de arquitetos cariocas na capital paulista, cujas ideias tiveram grande penetração no meio arquitetônico local, estímulo fundamental da renovação realizada, Escola Paulista não é mera continuidade da Escola Carioca, como colocado por SEGAWA (1998:147) “o fator mais palpável para a materialização de uma arquitetura formalmente identificável como “paulista” deveu-se ao seu caráter de continuidade à linha carioca”, tampouco apenas uma vontade de “uma ruptura em relação à escola carioca e pela busca de uma expressão arquitetônica mais internacionalizada,” como colocada por BASTOS e ZEIN (2010:111), embora relacionada a ambas colocações, acreditamos em um sentido contrário dos fatos. Foi justamente a conjuntura paulista da década de 1950 que suscitou uma melhor compreensão da arquitetura carioca e das referências internacionais. A Escola Paulista, no nosso entender, é resultado de um processo de raízes mais distantes, cujo principal elo de conexão é certa tradição construtiva.

A arquitetura paulista, desde os tempos coloniais, caracterizou-se por uma autonomia, diferenciando-se daquelas realizadas em outros centros que se estabeleceram ao longo do litoral, tal como identificado por estudiosos como Lucio Costa (1997) e Carlos Lemos (1979). Seja pelo isolamento do núcleo inicial, seja pelos materiais e profissionais disponíveis, a arquitetura praticada no Planalto de Piratininga apropriou-se das regras dos colonizadores com relativa independência. Segundo LEMOS (1979:12) a arquitetura paulista do ciclo bandeirista, ao lado do barroco mineiro e da arquitetura contemporânea, é um dos três “grandes momentos, onde se pudesse perceber um processo de criação nacional que significasse a existência de uma cultura realmente brasileira.” O enfretamento de um ambiente adverso, a adaptação aos recursos disponíveis e à cultura construtiva local impuseram novos padrões compositivos.

A institucionalização do ensino de arquitetura no âmbito de uma escola de engenharia e a opção da construtora como campo de ação dos engenheiros arquitetos, em vigor até praticamente a década de 1950, reforçaram a tradição construtiva na cultura arquitetônica local. A presença da construção na arquitetura paulista perpassa programa, escala, materiais e movimentos, adquirindo expressão e força, segundo as solicitações de cada momento. A opção pelo concreto armado a partir dos anos 1920 e praticamente sua exclusividade como sistema construtivo brasileiro até muito recentemente, propiciou um amadurecimento de sua exploração que rendeu investigações das mais criativas, do desafio estrutural às elucubrações estéticas. Assim, a revisão crítica porque passava a arquitetura moderna frente à reconstrução das cidades no pós-segunda guerra abrindo caminho para as ideias brutalistas, encontrou no ambiente paulistano um território propício. Além da forte tradição tectônica, o questionamento das políticas desenvolvimentistas e da influência da economia americana que instigavam os posicionamentos político-ideológicos, fortalecia a defesa de uma arquitetura baseada na essência e na rusticidade. Embora Le Corbusier continuasse como forte referência, mas não preponderante, o que inspirava os arquitetos paulistas nesse momento eram suas obras brutalistas, como bem colocou o próprio Artigas ao explicar sua relação com Oscar Niemeyer:

Oscar e eu temos as mesmas preocupações e encontramos os mesmos problemas, declarou ele, mas enquanto ele sempre se esforça para resolver as contradições numa síntese harmoniosa, eu as exponho claramente. Em minha opinião, o papel do arquiteto não consiste numa acomodação; não se deve



cobrir com uma máscara elegante as lutas existentes, é preciso revelá-las sem temor. (apud BRUAND, 1981:302)

O caráter da Escola Paulista extrapola os princípios formais, incluindo forte apelo à dimensão social do trabalho do arquiteto, tal como apontado por BASTOS e ZEIN (2010: 43) *“a insistência da arquitetura como “função social” permeia o pensamento do ensino arquitetônico paulistano, muito especialmente na FAU-USP, e parece também estar ligado, entre outros, à figura do arquiteto J.B. Vilanova Artigas.”*

O debate se concentrou sobretudo na FAU-USP, embora alguns dos seus jovens expoentes tenham se formado no Mackenzie, (Mendes da Rocha, Millan, Mello Saraiva). Mas foi sob o carisma de Vilanova Artigas, que esses jovens ingressaram na FAU como professores, e sua liderança se estendia também ao IAB-SP, criando a oportunidade para a consolidação da Escola Paulista. O vínculo desses arquitetos, protagonistas da renovação estética, com a docência na FAU-USP certamente contribuiu para o amadurecimento dos princípios, proporcionando desdobramentos que até hoje são discutidos nessa instituição.

A Escola Carioca, ao contrário, depois do decisivo papel da Escola Nacional de Belas Artes na sua constituição, se difundiu à margem da docência. Depois dos nove meses como diretor, Lúcio Costa nunca mais voltou à vida acadêmica. Reidy foi responsável pela disciplina de Pequenas Composições em dois breves períodos, 1930-1933 e entre 1954-1955, e nenhum outro registro de docência dos integrantes do grupo associado às origens da Escola Carioca foi constatado. O curso de arquitetura herdeiro da Escola Nacional de Belas Artes também se instalou em um edifício ícone da produção aplaudida internacionalmente, projetado por Jorge Machado Moreira no campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ na ilha do Fundão. É uma das obras mais fiéis aos princípios corbusianos inspiradores da Escola Carioca, entretanto, não tem o mesmo destaque das obras pioneiras nas narrativas historiográficas e pouca relação se estabelece, no âmbito da crítica, com a produção carioca contemporânea. Nenhum dos integrantes da equipe responsável pelo projeto do MESP, nem os arquitetos normalmente associados à Escola Carioca foram docentes da ENBA, mais tarde FNA, o que pode ter criado um hiato na transmissão do conhecimento às novas gerações,

Assumindo, portanto, a existência de uma Escola Paulista, outro aspecto merece considerações. Trata-se da recorrente justificativa para a rápida consolidação da Escola Carioca e a postergação da Escola Paulista atribuída ao apoio do estado.

A arquitetura moderna e o apoio do Estado

Pesquisas mais recentes trazem dados que permitem novas leituras sobre a relação da arquitetura moderna brasileira e o estado, distintas daquelas apresentadas por BRUAND (1981: 271)

São Paulo, cidade comercial de desenvolvimento recente, ainda era muito provinciana por volta de 1930, e o espírito que nela reinava não favorecia a adoção de teorias ou estilos revolucionários, apesar das posições corajosas bem cedo adotadas por Warchavchik; em compensação, o estilo de Wright, menos suscetível de espantar a **clientela particular** (que ainda era a **única** que contava, face à **falta total de interesse dos poderes públicos**), oferecia em contrapartida uma solução mista, ao mesmo tempo moderna e tranquilizante, apresentando várias vantagens. (grifo nosso)



e confirmadas por Segawa (1998:139)

O **Rio de Janeiro** era capital (e até a década de 1960, a cidade mais populosa), e as encomendas aos arquitetos modernos eram, em **sua maioria patrocinadas pelo poder público**; em **São Paulo**, ao contrário, o patrocínio estatal aos escritórios privados era diminuto. O acesso a obras maiores dependia principalmente da encomenda da iniciativa privada. (grifo nosso)

Tal argumento vem sendo reiteradamente assumido nas discussões, reafirmado em artigos e trabalhos acadêmicos, quando os argumentos são muitos, configurando um quadro mais complexo, como acima exposto. Em relação ao apoio estatal, é necessária uma urgente revisão, tanto para o impulso da Escola Carioca como para o atraso da Escola Paulista.

Os arquitetos cariocas tiveram apoio da iniciativa privada, como registram as publicações. *Brazil Builds*, a grande referência, além do MESP e Pampulha, traz edifícios residenciais, comerciais e muitas casas projetadas pelos mesmos responsáveis pelas obras ícones: Costa, Niemeyer, Moreira, Leão. Mesmo Oscar Niemeyer, provavelmente o arquiteto com mais obras públicas realizadas, até meados dos anos 1950, projetou casas, edifícios comerciais, residenciais, indústrias, que o levou inclusive a uma autocrítica. Não é possível, portanto, concluir que a arquitetura moderna no Rio foi fruto do estímulo preponderante do governo, que também patrocinou igualmente obras neoclássicas, ecléticas, neocoloniais, ao sabor de cada Ministério.

E em São Paulo também há projetos públicos, senão modernos corbusianos certamente não acadêmicos, em meio à expansão imobiliária de meados do século 20, a Biblioteca Municipal Mário de Andrade (1935); o programa escolar da Secretaria da Educação de São Paulo (1936); a escola de Enfermagem da USP (1942), o hospital do Câncer (1947), a Piscina Coberta (1948); alguns contratados inclusive com arquitetos cariocas, como o viaduto do Chá (1935) e o Convênio Escolar (1948-1955) – responsável por 68 equipamentos escolares, elogiado por Anísio Teixeira (1951:175)

Com estas palavras é que intentamos fazer a apresentação dos novos prédios escolares que São Paulo edifica, acompanhando esse belo movimento da nova arquitetura à brasileira. A direção técnica do plano de construções foi confiada à figura de arquiteto e de artista que é Helio Duarte, em cujos projetos a fantasia delicada e jovial se mistura com uma real severidade de propósitos e a técnica mais escrupulosa. Para julgar esses prédios, entretanto, é necessário que se levem em conta os dois aspectos da arquitetura. Se, por um lado, é uma técnica a usar os conhecimentos e recursos do seu tempo a respeito dos materiais e uma arte a praticar a coragem de imaginação das novas formas, por outro lado obedece ao programa e aos objetivos da consciência de educação a que estiver servindo.

além do já citado conjunto do Parque do Ibirapuera (1951) realizado para os festejos do IV Centenário da cidade de São Paulo, coordenados por Oscar Niemeyer. Enfim, estabelecer um contraponto entre a arquitetura paulista e carioca pelo viés do incentivo público nos parece um argumento frágil.

A polêmica em torno do concurso anulado do Ministério da Educação e Saúde Pública a favor de uma obra moderna contratada com uma equipe de jovens arquitetos que colocou a arquitetura em destaque na imprensa carioca, e a fulminante trajetória de Oscar Niemeyer promovida por Juscelino Kubitschek, culminando com Brasília são argumentos fortes à essa



interpretação. Contudo, São Paulo teve sua “Brasília”, totalmente ignorada pela historiografia e pelos próprios arquitetos, que também teve papel preponderante na consolidação da Escola Paulista.

A Escola Paulista e o Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto (1959-1963)

A “Brasília” a qual nos referimos acima é a oportunidade criada pelo Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto (1959-1963) – PAGE, que tinha por objetivo a criação de uma tecnocracia democrática para racionalizar o serviço público e promover o desenvolvimento do estado de São Paulo. Foi uma experiência inédita em várias áreas – administração pública, política, educação, engenharia e arquitetura, da qual, inexplicavelmente, não havia até muito recentemente qualquer referência na historiografia. O PAGE teve clara filiação aos princípios da SAGMACS – Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais – criada pelo padre francês Louis Joseph Lebret, fundador do Centro de Estudos Économie et Humanisme, cujo objetivo era conciliar os interesses econômicos com o bem-estar social, tomando a realidade como premissa para o planejamento das cidades. Padre Lebret trabalhou nas periferias da capital, com uma equipe de jovens arquitetos que depois vieram a integrar o Page.

Na esteira do Plano de Metas do presidente Juscelino Kubistchek, que teve na construção de Brasília, a maior visibilidade de seus objetivos progressistas o PAGE também teve um forte lastro na arquitetura. Os investimentos do Page foram estruturados em três setores: 1. melhoria das condições do homem, que incluía as áreas de educação, cultura e pesquisa; justiça e segurança; saúde pública e assistência social; e sistemas de água e esgoto; 2. infraestrutura abrangendo energia; ferrovias; rodovias; pontes municipais; aeroportos, portos e navegação; e 3. expansão agrícola. Um terço dos recursos foi destinado à melhoria das condições do homem, que proporcionou um grande investimento na construção de equipamentos públicos: fóruns, postos de saúde e principalmente escolas: primárias, secundárias, técnicas profissionais e a execução do novo campus - a cidade universitária Armando Salles de Oliveira - para a Universidade de São Paulo. Integraram também esse setor a criação de uma nova instituição – a Universidade Estadual de Campinas e de um órgão de apoio à pesquisa – a FAPESP.

Sob a coordenação de Plínio de Arruda Sampaio, se constituiu um grupo de trabalho com profissionais de várias áreas, alguns vinculados à universidade e próximos ao grupo de arquitetos do IAB, especialmente a Vilanova Artigas, cuja atuação foi decisiva para o acordo firmado entre o IAB e a coordenação do PAGE. Com debate acirrado entre posições favoráveis e contrárias ao acordo, chegou-se a um documento com o seguinte resultado:

A Assembleia autoriza a Diretoria do IAB a promover junto aos órgãos do governo os entendimentos necessários para ampliar cada vez as medidas que vem sendo tomadas no sentido de empregando o esforço criador dos arquitetos paulistas nas obras públicas o significado cultural da arquitetura brasileira e encarecer a necessidade do governo se aparelhar de uma equipe de técnicos capazes de levar a bom termo o planejamento de suas obras. (ATA do IAB, dia 08/09/1959)

Tal acordo levou à contratação de profissionais externos ao serviço público, envolvendo mais de cento e cinquenta arquitetos para o desenvolvimento de cerca de mil projetos, conforme levantamento realizado pela pesquisa de BUZZAR e CAMARGO (2009:369) e como evidencia a associação a nossa “Brasília” feita por Fábio PENTEADO (1983):



Os arquitetos paulistas, apesar de não terem sido chamados a participar dos projetos da nova capital, se beneficiaram muito daquele momento de abertura e tiveram seu campo de atuação ampliado de forma excepcional. Surgiram, de uma hora para outra, centenas de novos projetos: pode-se dizer que foi então que apareceram, na arquitetura paulista, os primeiros indícios de características próprias. Também não se pode negar a influência de alguns notáveis arquitetos cariocas, como os irmãos Roberto, Sérgio Bernardes, Jorge Moreira e fundamentalmente, as obras de Afonso Reidy, como a escola Brasil-Paraguai, e m Assunção, e o Museu de Arte Moderna do Rio – ambas do início da década de 1950 – para a arquitetura de São Paulo. Houve como um encontro de ideias entre essas obras e os trabalhos pioneiros de Artigas, influenciando decisivamente a chamada Escola Paulista.

O edifício escolar e o fórum foram as tipologias mais privilegiadas tanto na estruturação do Plano, como na investigação dos arquitetos. As escolas projetadas por Artigas, de Itanhaém, Guarulhos, Utinga e FAU foram as obras do PAGE mais difundidas pela historiografia, embora, sem qualquer menção ao vínculo com esse plano de governo. Projetos que consolidavam experiências que Artigas vinha desenvolvendo no âmbito da dimensão social da arquitetura, mas que até então só havia desenvolvido em ambientes domésticos, conforme constatou BUZZAR et Alli (2013, p.11):

Foi justamente com as obras projetadas para o PAGE, vale salientar, equipamentos públicos, e, sobretudo, com as escolas de Itanhaém, Guarulhos, Utinga e a própria FAUUSP (projetada em 1961 e finalizada em 1968), que suas propostas arquitetônicas, articuladas a de outros arquitetos no período como Paulo Mendes da Rocha, Carlos Milan, dentre vários, adquiriram a dimensão social pela qual é reconhecida, atribuindo consistência a ideia de Brutalismo Paulista.

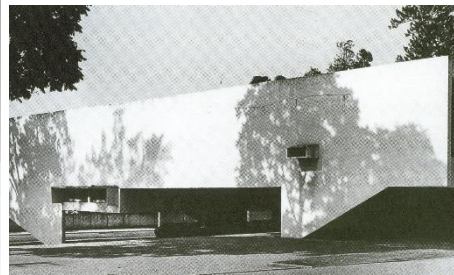
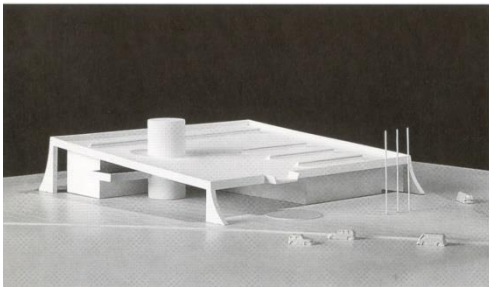


Fig. 1. – Fórum de Araras, 1960. Fábio Penteadó. Acervo Arquiteto.

Fig. 2 – Fórum de Avaré. 1962. Paulo Mendes da Rocha e João de Gennaro. Acervo Arquiteto



Fig. 3 – Fórum de Itapira.1959. Joaquim Guedes. Acervo do arquiteto.



Fig. 4 – Escola de Itanhaém. 1959. João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi. Acervo Biblioteca FAU/USP



Fig. 5. – Ginásio de Guarulhos. 1959. João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi. Acervo Biblioteca FAU/USP

Fig. 6 – Escola de Itapira. 1960. Joaquim Guedes. Acervo do arquiteto

Alguns desses projetos introduziram grandes inovações quanto ao programa, à integração com a cidade, à sociabilidade, às técnicas construtivas, à solução estrutural, à estética e a sua relação com as artes plásticas, constituindo novos paradigmas à arquitetura. Os edifícios para o poder judiciário talvez tenham sido os mais revolucionários, se considerarmos o padrão do que existia até então e a forte estrutura hierárquica que caracteriza esse setor da sociedade. A proposta de Fábio Penteadado para o Fórum de Araras, em 1960, é a mais paradigmática das mudanças pretendidas. A imponência e monumentalidade características dessa tipologia sob a vigência do ecletismo, foram substituídas, nesses projetos, pela sociabilidade e convivência. De monumento urbano, o fórum se converteu em uma praça pública: os suntuosos saguões de entrada, geralmente em materiais nobres, foram trocados por amplas áreas de estar com espelho d'água, bancos de jardim, introduzindo um novo caráter ao espaço da justiça, não apenas como o símbolo da retidão e do julgamento, mas, sobretudo, da igualdade e do direito, como revela o depoimento de Fábio PENTEADO (1998:37)

Para o projeto do Fórum, fui visitar um já construído, numa cidade vizinha, denominado Palácio da Justiça, que me causou uma impressão muito forte. Procurei usufruí-lo como um homem comum, um trabalhador que ali chegava por obrigação, para tirar um documento ou registrar um filho, e me senti muito triste. A impressão era que quem entrasse ali já estava “condenado”, à mercê da má vontade de um guarda ou do garoto do cartório, que se sente uma autoridade. A minha ideia, então, foi abrir o espaço e dissipar aquela sensação de medo e humilhação. Criei então um edifício sem porta nem saguão, uma praça coberta onde as pessoas podem sentar e conversar.

O Campus da Universidade de São Paulo, que vinha se arrastando desde a década de 1940, com mais de dez planos concebidos e nenhum totalmente realizado, teve seu maior impulso com o PAGE, quando a Universidade passava por profundas mudanças estruturais. Segundo o arquiteto responsável pelo FCRCUASO Paulo Camargo e Almeida, a estruturação da cidade universitária foi um trabalho coletivo:

em reuniões semanais, com a presença do diretor da FAU Anhaia Mello, do reitor Ulhoa Cintra foi conseguida a unidade necessária ao planejamento, que

13º Seminário

do_c_o, mo, mo_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



transformará, estamos convictos, esta seria “a maior demonstração da cultura arquitetônica dos tempos atuais, sem os formalismos e os luxos condenáveis que vimos percebendo e sentindo nas realizações da arquitetura mundial contemporânea. (Revista América, 1962, s/p) (grifo nosso)

Muitos desses projetos contratados são referências para cultura arquitetônica, como o setor residencial de Eduardo Knesse de Mello; o Centro Esportivo - CEPE de Ícaro de Castro Mello; as Escolas de Minas e Petróleo. Mesmo os não executados, como o Centro Cultural de Oswaldo Arthur Bratke; o Centro de Convivência Social de Rino Levi; e os projetos para os edifícios do Setor das Humanas, que constituíram as propostas mais inovadoras. Talvez não por acaso, dado o papel preponderante de Artigas como articulador dessa parceria, os projetos desse setor foram desenvolvidos pelos arquitetos mais próximos do mestre: História e Geografia - Eduardo Corona; Letras - Carlos Millan; Sociologia, Antropologia, Economia Política e História das Doutrinas - Paulo Mendes da Rocha; Geologia, Paleontologia, Mineralogia e Petrologia - Pedro Paulo de Mello Saraiva; Matemática - Joaquim Guedes; Eletrotécnica – Fábio Penteado, e o da Faculdade de Arquitetura do próprio Artigas.

Mesmo isolados da dinâmica da cidade, esses projetos foram concebidos como experiências de situações urbanas, que valorizassem os espaços de convivência - de modo a promover a sociabilidade e estimular o encontro das pessoas e a troca de ideias, sendo os térreos lugares privilegiados de articulação entre público e privado, conforme comentário de Paulo Camargo e Almeida:

A colocação do edifício no contexto urbano da Cidade Universitária influenciou decisivamente na organização interna, na medida em que a criação e disposição dos espaços interiores se subordinaram à necessidade de uma ligação fluída e contínua com os edifícios vizinhos e o centro cívico-cultural, sem interrupção do caminhamento ou das visuais, possibilitando assim ligações fáceis e naturais com os demais departamentos da Universidade. (América Magazine, 1962, s/p)

Arelados aos princípios brutalistas da essência na arquitetura, valeram-se do uso restrito de materiais, basicamente do concreto aparente, e tiveram na espacialidade um dos recursos mais importantes para a criação. A valorização dos espaços de convivência na organização do projeto garantiu às áreas coletivas um protagonismo, que ao se integrarem de modo fluído com todos os outros, geraram espaços de grande amplitude e grande impacto. Essa produção baseada na estrutura de concreto aparente e na dimensão espacial, que tem na FAU sua melhor síntese, tornou-se um dos corolários da arquitetura paulista, que teve ampla repercussão no país afora, passando a ser identificada como Escola Paulista.

Embora o edifício só tenha sido ocupado em 1969, toda a discussão promovida para a reorganização do curso e sua relação com os novos espaços ocorreram sob a vigência do PAGE, no início dos anos 1960.

A Escola Paulista, portanto, teve amplo apoio do governo, uma parceria estrategicamente construída entre arquitetos e poder público.

Considerações Finais

As colocações acima expostas buscaram esclarecer, a partir de uma historiografia referencial, alguns aspectos que limitam a compreensão desses dois fenômenos: Escola Carioca e Escola



Paulista, de grande relevância à cultura arquitetônica. São vanguardas que introduziram novos paradigmas à arquitetura e à cidade, com desdobramentos a toda sociedade. As distintas leituras e interpretações desses movimentos não lhes tiram o mérito, pelo contrário, enriquecem a crítica e a historiografia.

Se o rápido reconhecimento da Escola Carioca na historiografia, especialmente a internacional, lhe garantiu um lugar no panorama da arquitetura do século 20, e o mesmo não ocorreu com a Escola Paulista, totalmente obliterada pela historiografia estrangeira do século 20, apesar de certa presença nas revistas especializadas. Colocá-la em debate pode contribuir a uma revisão que contribuirá ao estudo da arquitetura moderna.

A onipresença da Escola Carioca nos manuais internacionais de arquitetura moderna, comentada por mais vinte autores (CAMARGO, 2009:21), para além da sua indiscutível qualidade arquitetônica, foi proporcionado por uma sucessão de oportunidades muito bem aproveitadas. A inclusão do seu mais icônico projeto Ministério da Educação e Saúde Pública - MESP, ainda não concluído, no livro *Oeuvre Complete 1934-1938*, de Le Corbusier, publicado em 1939, ainda antes da segunda guerra, simultaneamente à realização do Pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Nova York, certamente foi um estímulo, consagrado quatro anos depois pela exposição *Brazil Builds*, inaugurada em 1943. A partir de então, essa arquitetura brasileira foi número temático das revistas *L'Architecture d'aujourd'hui* n.13/14 de 1947; *Architectural Review* n. 594, out. 1944, *Architectural Fórum*, n.11, 1947; *Casabella* n. 200, 1954, passando a ser inserida em todos os panoramas da arquitetura moderna, inclusive em reedições, em cujos originais a produção brasileira não constava, como *An Outline of European Architecture* de Nikolaus Pevsner, que a incorporou apenas na sexta edição, em 1957, quando o original é de 1942.

O primeiro autor a incluir as obras da Escola Carioca foi Bruno Zevi, em 1950, em *Storia dell'architettura moderna*, ampliadas na edição de 1973 com a inclusão de Brasília. A partir de então tornou-se referência obrigatória nos principais autores que analisam a arquitetura do século 20: Giedion, Dorfles, Hitchcock; Peter, Joedicke, Benevolo, Kultermann, Tafuri e Dal Co, Frampton, Curtis, Montaner, Colquhoun e Cohen, comentada, quase sempre, como uma produção periférica sob a influência de Le Corbusier, ao lado de Alvar Aalto na sua maioria e em alguns casos, junto a Scharoun, Saarinen e Utzon. Mesmo contaminados pelas críticas de Max Bill, que a acusam de formalista, os vários autores reconhecem sua notoriedade, que se excluída os comprometeria como mal informados.

Enquanto nesses mesmos manuais as obras paulistas são raras, apesar do pioneiro trabalho de Sartoris, de 1932, trazer as casas de Warchavchik, que só será retomado rapidamente em Curtis e Cohen já no século 21. Uma obra de Lina Bo Bardi e de Rino Levi são citadas por Dorfles; Hitchcock incluiu a casa de Bratke, que também foi destacado por Peter, o único paulista, ao lado dos membros da equipe do MESP e dos Irmãos Roberto. Montaner no seu primeiro panorama de 1993, comenta apenas a Escola Carioca, já, em 1997, *La Modernidad Superada* dedica, paralelamente ao MESP, dois capítulos à arquitetura paulista: Lina Bo Bardi, e Paulo Mendes da Rocha, mas analisados, *per si*, independentemente da Escola Paulista.

A atenção internacional à Escola Paulista começou a ser despertada pelos pesquisadores desenvolvendo seus trabalhos de mestrado e doutorado sobre essa arquitetura e seus autores nas universidades europeias e americanas, e ganhou mais destaque com a premiação de Mendes da Rocha com o Pritzker de 2006. Ainda assim, Artigas continua praticamente



ausente, com uma única e lacônica citação no mais recente dos panoramas, de Cohen, em 2013:

Embora João Batista Vilanova Artigas criticasse as teorias de Le Corbusier a partir de sua própria posição de esquerda, nem por isso deixou de utilizar elementos do vocabulário do arquiteto parisiense, conforme revistos e transformados por seus colegas do Rio de Janeiro. As duas lâminas de seu Edifício Louveira (1946-49) criam um microcosmo de racionalidade e poesia no caos urbano paulistano. Já sob a ditadura militar, ele pôde concluir o grande receptáculo de concreto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1968-1969).

Valendo-se de Segawa como referência para a restringir a atuação de Artigas apenas à apropriação da interpretação carioca das teorias corbusianas, Cohen se equivoca na data de projeto da FAU-USP, que é de 1961 e não 1968, como escreveu, tampouco explora a revolução espacial que esse edifício encerra. Tal como apresentado, nada acrescenta à história da arquitetura, quando sua correta divulgação poderia suscitar a criatividade de muitos profissionais que quando têm a oportunidade de visitá-la ficam impactados pela sua espacialidade.

Por outro lado, a FAU-USP é tão entronizada na cultura local, que praticamente tornou-se de domínio público. Tanto que o panorama de BASTOS e ZEIN (2010), que dedica grande atenção à Escola Paulista, não faz uma análise do edifício e de seu significado à cultura arquitetônica, mas o referencia como parâmetro de comparação para análise de outros edifícios: aos palácios de Brasília (p.74) de Niemeyer e ao edifício da reitoria da UNB (p.146) de Paulo Zimbres. Muito provavelmente as autoras devem considerá-lo amplamente conhecido, dedicando-se a dar luz a obras menos conhecidas, e Artigas é um dos nomes mais citados ao longo do trabalho, com comentários a muitas de outras suas obras.

A Insistência na importância do edifício da FAU-USP à cultura arquitetônica paulista deve-se não apenas ao papel decisivo que assumiu na consolidação da Escola Paulista, mesmo com a sua ocupação somente em 1969 como comentamos acima, mas nos desdobramentos que se seguiram posteriormente. No trabalho das novas gerações e nas discussões atuais entre os estudantes, é possível identificar alguns de seus princípios revisados e atualizados, como identificado por Ana Luíza Nobre ao analisar o trabalho de seis escritórios de arquitetura, cujos integrantes estudaram nesse edifício, caracterizando-o para além do espaço que o encerra, de fato como uma Escola, tal como identificamos ao longo deste trabalho.

um grupo que define a si próprio em parte por uma afinidade de geração, em parte pelo peso que seus integrantes atribuem a sua vida universitária. No panorama contemporâneo da arquitetura no Brasil isto não é apenas significativo; é admirável. (...) Que o elemento catalisador, aqui, seja a faculdade, apenas vem confirmar o quanto a formulação de um programa pedagógico forte continua sendo crucial para conduzir uma prática consequente, seja onde for. NOBRE (2006:18)

A estrutura de ensino da FAU-USP foi modelo dos cursos criados no país a partir dos anos de 1960, que não pode deixar de ser considerado como em uma avaliação da Escola Paulista.

Escola Carioca e Escola Paulista, portanto, referem-se a determinadas arquiteturas baseadas, cada qual, em princípios comuns, realizadas majoritariamente em um determinado período, a primeira entre as décadas de 1930 e 1950, a segunda entre as décadas de 1950 e 1970, que



tiveram ampla repercussão nacional e a primeira também internacional. Entretanto, não adotamos, como alguns autores, especialmente os estrangeiros, nenhuma dessas escolas como representativas da arquitetura brasileira, tão somente como movimentos autônomos não homogêneos, desenvolvidos em estreita relação, resultado de um esforço coletivo proporcionado por debates travados no âmbito de ambientes acadêmicos e profissionais, que souberam aproveitar as condições do momento na tentativa de qualificação do campo disciplinar e profissional, para além da renovação estética intensamente referendada. Assumir a existência das Escola Carioca e Escola Paulista, não significa desconsiderar a relevância de outras manifestações contemporâneas, trata-se de identificar a amplitude dessas escolas e suas relações com o contexto acadêmico e político.

A arquitetura moderna brasileira, especialmente as Escola Carioca e Escola Paulista, ainda é o grande tema de pesquisas acadêmicas e de publicações. Considerando esse continuado interesse nessas escolas e suas diferentes leituras, esperamos ter contribuído a novas especulações.

Referências Bibliográficas

América Magazine, São Paulo: n.2, 1962, s/p

ANDRADE, Mário de. Brazil Builds. O Estado de São Paulo, 1943. In TOLEDO, Benedito Lima e ali (org.) **Depoimentos 1 e 2**. São Paulo, FAU/USP, 2017.

BASTOS, Maria Alice Junqueira, e ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BUZZAR, Miguel et Alii. Arquitetura Moderna no Estado de São Paulo: Difusão e Dimensão Social através de Equipamentos Públicos produzidos pelo Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto- Page- (1959-1963). **Anais**. Bauru: XII Congresso de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado, 2013

CAMARGO, Monica Junqueira de. **Poéticas da razão e construção, conversa de paulista**. São Paulo: FAU/USP, 2009.

HITCHCOCK, Henry Russel. **Architecture: nineteenth and twentieth century**. London: Peguin Books, 1958.

LEMONS, Carlos A.C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo, Editora Melhoramentos, 1979.

MILHEIRO, Ana Vaz. **NOBRE**, Ana Luíza; WISNIK e Guilherme. **Coletivo**. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p.12 e13.

PENTEADO, Fábio. **Arquitetura Revista**. Rio de Janeiro, UFRJ, set, 1983.

PENTEADO, Fábio Penteado. **Ensaios de Arquitetura**, São Paulo: Editora das Artes, 1998.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil -1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1997.